Fanzines ganham novas formas

Mesmo com a concorrência do mundo digital, as revistas independentes impressas ainda têm seu espaço

Meline Mella

Por mais que alguns achem que é passado e outros nem sequer saibam de sua existência, os fanzines continuam encantando os jovens. Suas tiragens e circulação diminuíram junto com seus adeptos, mas essas revistas feitas à mão ainda possuem seu espaço no mundo digital. "A relação entre o impresso e o virtual está cada vez mais amistosa e aquela ameaça que a internet representou para os zines impressos nos anos 1990, já é um bicho papão que foi desmistificado", explica o jornalista Márcio Sno, referência no assunto e autor do livro O Universo Paralelo dos Zines lançado em maio deste ano. Os zines da nova geração, como os de Rafael Marques Müller, Gregory Elia Debaco e Eduardo Panozzo, comprovam que é possível a relação entre impresso e digital.

Fanzines, ou simplesmente zines, são publicações independentes e alternativas feitas de fãs para fãs de expressões artísticas. Por terem veiculação sem censura, pequenas tiragens e não visar lucro, permitem que os autores divulguem seus trabalhos e ideias livremente. Diferente da época em que tudo circulava de forma analógica, os zines de hoje são vistos principalmente como arte, já que as redes sociais são mais eficientes para divulgação. "Ainda existem zines com as mesmas características de antes, finalizados em fotocópia, porém, a necessidade de se fazer um impresso hoje é trazer um 'algo a mais'. Muitos editores criam seus zines com algum diferencial, como texturas, dobras, cheiros, etc., que faça sentido ter o material na mão para senti-lo. O que antes era quantidade, hoje é qualidade: os zines estão mais bonitos, mais trabalhados, mais ousados", comenta Sno.

Mesmo com a internet, muitas pessoas continuam com suas coleções e, para os que nasceram usando o computador, os zines surgem como novidade. Em São Paulo, Márcio dá oficinas sobre as revistas alternativas para vários públicos e a reação é sempre a mesma: o tema é desconhecido, porém, a partir do primeiro contato, surge o entusiasmo. "Os olhinhos começam a brilhar quando ofereço parte de meu acervo para a apreciação. Quando aprendem algumas técnicas e passam de fato a fazer seus próprios zines, eles piram. Converso com os educadores que sempre comentam que as crianças e os adolescentes querem usar zine para tudo", comenta.

Esse também é o caso do estudante de Química da UFRGS, Rafael Marques Müller, 21, que em 2014 foi apresentado a esse mundo alternativo. Junto de amigos, criou o projeto Quarto Ambiente com o objetivo de fazer arte livre como zines, pequenos curtas-metragens e edições de imagens. Seus zines são de poesias autorais e seis números já circulam, como o Só Não Mostra Pra Mãe, Zine pé e Quando Morrer Quero Usar Raibam. Para Rafael, a internet é uma aliada na divulgação de seus trabalhos, mas há a necessidade do impresso para que se possa apreciar melhor o material. "Quando tenho um zine ou um livro que gosto, crio um apego, o que não é possível virtualmente. Na internet tudo é muito rápido, não existe muito tempo de observação, acho que os zines complementam isso, parece-me ser mais fácil observar a arte com atenção e calma. Mexer com os zines, construí-los, distribuí-los, é como uma terapia", diz o estudante. Suas revistas são oferecidas em troca de contribuições espontâneas nas festas de rua em Porto Alegre e na Feira do Livro Independente em Novo Hamburgo.

Eduardo Panozzo / Arquivo Pessoal

Fanzines produzidos por jovens, de forma artesanal, buscam divulgar trabalhos alternativos

Em Caxias do Sul, o cenário do Punk Rock ganha voz com o zine Acesso Público feito por Gregory Elia Debaco, 24, estudante de Jornalismo da FSG, e amigos. A ideia tomou forma a partir da sugestão do guitarrista da banda punk local Anomalia Social da qual Gregory é vocalista. O músico sugeriu que fizessem zines para distribuir no show que organizavam da banda Replicantes, em 2012, na cidade. Desde então, Acesso Público sai sem periodicidade definida e com distribuição gratuita nos eventos com músicos de outras cidades. Já saíram cinco edições.

"Tudo é feito à mão e produzido por nós, com colagens e desenhos. Imprimimos apenas no dia, sem número certo de tiragem, mas sempre gira entre 70 e 150". Sobre a reação das pessoas, Gregory comenta: "Muita gente gostou, muita gente derrubou no meio da roda, muita gente jogou fora. Não mudou o mundo, mas com certeza o atingiu de alguma forma".

Um zine recente que chamou a atenção dos novos admiradores foi o happy/SAD_, lançado em maio deste ano pelo publicitário caxiense Eduardo Panozzo, 22. O alternativo é composto por fotos de Eduardo, levando em consideração estética, composição e cor, e de um texto sobre música, internet e compartilhamento de conteúdo, escrito por um amigo. "Eu resolvi fazer quando percebi que tinha fotos demais no meu celular e no computador. Achava que elas mereciam mais do que só serem postadas e largadas no meio do furacão de informações que é a internet". Nessa primeira edição, foram feitos apenas 30 zines que logo esgotaram. Eduardo comenta que houve pessoas pedindo mais ou querendo um, deixando o ensinamento para que os próximos tenham tiragem maior. Diz, ainda, que a pequena quantidade se deu por não ser como os zines tradicionais que são em fotocópia e p&b. "Eu resolvi fazer em um material legal, do tipo que as pessoas pensariam duas vezes antes de jogar fora, ou deixar de canto".

Eduardo não vê muita diferença entre um produto na internet e no papel: "O lance é que quando a pessoa pega um zine e leva para casa, ela fez uma escolha; quando algo simplesmente aparece na timeline dela, ela não fez". Já Rafael diz que a compra das revistas é uma forma das pessoas valorizarem o trabalho, pois "se a pessoa gosta mesmo do zine, vai guardá-lo com carinho, ler e reler. Os poemas que estão na nossa página do Facebook são logo esquecidos, até mesmo por nós".

Escolha do leitor ou não ocorre pelo meio online, que consegue despertar o interesse de um público maior e diversificado. De acordo com Márcio Sno, é nessa resistência ao tempo e adaptação aos novos meios que consiste o papel crítico dessas revistas. O jovem acrescenta: "Ainda tem público para consumir e muita gente criativa publicando coisas maravilhosas. É de encher os olhos a certeza de que a missão foi cumprida e que os zines sobreviverão por mais um bom tempo".